

Dr. Robert A. Peterson, Cristologia, Sessão 8, Cristologia Moderna, Parte 3, Jurgen Moltmann , Teologia Católica e Processada

© 2024 Robert Peterson e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Robert Peterson e seu ensinamento sobre Cristologia. Esta é a sessão 8, Cristologia Moderna, Parte 3, Jürgen Moltmann , Teologia Católica e de Processo.

Continuamos nosso estudo de Cristologia moderna com Jürgen Moltmann .

Uma linha de pensamento semelhante, mas levando a consequências muito maiores para a doutrina de Deus, é encontrada em outro projeto cristológico pós-barthiano, o de Jürgen Moltmann . Moltmann nos conta que sua teologia está em seu interesse em uma teologia da cruz, que remonta aos anos imediatamente após a Segunda Guerra Mundial, quando ele e outros sobreviventes de sua geração foram devolvidos de campos e hospitais para a sala de aula. Nessa situação, citação, uma teologia que não fala de Deus, aos olhos de alguém que foi abandonado e crucificado, não teria nada a nos dizer, citação próxima.

Isso é do livro dele, *The Crucified God*. Claro, Martinho Lutero tinha anteriormente uma teologia da cruz contra as teologias católicas romanas medievais que ele chamava de teologias da glória, alegando apenas marchar direto para a presença de Deus e saber tudo sobre ele e coisas assim. Em vez disso, Lutero disse, não, a verdadeira teologia é uma teologia da cruz, de Cristo sofrendo na cruz por nossos pecados.

É uma teologia de humilhação e humilhação e sofrimento e assim por diante. A nova Cristologia da cruz e a nova teologia da cruz são desenvolvidas por Moltmann para dar uma resposta aos gritos desesperados de uma humanidade sofredora e moribunda. O princípio epistemológico da teologia da cruz só pode ser este princípio dialético.

A divindade de Deus é revelada no paradoxo da cruz. Moltmann , desculpe-me, desenvolve isso em um princípio dialético que governa toda a sua teologia e leva a uma nova práxis cristã de libertação. Qual é o significado da cruz para Moltmann ? Jesus morreu ali como aquele rejeitado pelo Pai.

É que Deus que ressuscitou Jesus é o Deus que o crucificou. Isso só pode significar que devemos buscar entender Deus na paixão, na crucificação de Jesus. Ele diz que Barth não foi longe o suficiente ao falar sobre Deus no sofrimento de Cristo.

Em outras palavras, a ideia de Barth, segundo Moltmann, não era suficientemente trinitária. Quando se considera o significado da morte de Jesus para o próprio Deus, é preciso entrar nas tensões e relacionamentos intertrinitários de Deus e falar do Pai, Filho e Espírito Santo. A cruz não é apenas algo que aconteceu ao homem Jesus, mas aconteceu ao próprio Deus.

O evento de Cristo na cruz é um evento de Deus. Portanto, a cruz é a auto-revelação de Deus como o Deus trino. Ele fala da morte de Deus com referência à morte de Cristo sem implicar a morte do Pai.

Ao mesmo tempo, ele sustenta a ideia de *patra*, ele rejeita o *patrapassionismo*, o sofrimento do Pai, mas ele afirma o *patracompassionismo*, o Pai sofreu com o Filho. Cristo é o amaldiçoado de Deus. Uma teologia da cruz não pode ser expressa mais radicalmente do que é aqui.

Há, portanto, apenas uma conclusão possível. Citando Jürgen Moltmann, na *paixão do Filho*, o próprio Pai sofre as dores do abandono. Na morte do Filho, a morte vem sobre o próprio Deus.

E o Pai sofre a morte de seu Filho no amor pelo homem abandonado, em seu amor pelo homem abandonado. Portanto, na morte de Jesus na cruz, Moltmann argumenta, Deus assumiu todo o sofrimento deste mundo em si mesmo. Toda a história humana que o cita, por mais que seja determinada pela culpa e pela morte, é assumida nesta história de Deus, isto é, na Trindade, e integrada ao futuro da história de Deus.

Não há sofrimento que seja, que nesta história de Deus não seja o sofrimento de Deus. Nenhuma morte, que não tenha sido a morte de Deus na história do Gólgota. Quão seriamente isso é significado por Moltmann aparece do fato de que neste contexto, ele enfaticamente menciona Auschwitz.

Até Auschwitz é tomado por Deus e integrado em sua história. A bifurcação em Deus contém todo o alvoroço da história dentro de si. E isso significa verdadeira salvação para todos, se, para, para, isso significa verdadeira salvação.

Pois se toda a história humana, com seu sofrimento, culpa e morte, é levada para esta história de Deus, ela também é levada para o futuro da história de Deus, isto é, a vitória de Deus sobre o sofrimento, a culpa e a morte. Se isso parece se aplicar ao universalismo, você está certo. Mais uma vez, o resultado final das meditações e teologizações dos teólogos modernos é a divinização de toda a raça humana.

Klaas Ruina, o teólogo evangélico holandês, avalia o programa de Moltmann. Seu livro parece levar a realidade do sofrimento e da morte completamente a sério. Ele

faz isso relacionando tanto essa realidade do sofrimento e da morte à cruz de Jesus Cristo quanto a própria cruz ao próprio coração do ser de Deus.

Isto é, ele é o Deus crucificado, citando o título do livro de Moltmann . E ainda assim, Ruina diz que neste exato ponto, nossas perguntas devem começar. Número um, a ideia do Deus crucificado é realmente bíblica? Lutero, portanto, não hesita em dizer que Deus sofre em Cristo, mas podemos ir além disso? Lutero sempre se recusou a fazer isso.

Para ele, o sofrimento de Deus era um mistério incompreensível que nem mesmo os anjos conseguiam entender completamente aqui. Ruina diz, eu acredito que Lutero estava certo neste ponto. É o homem Jesus pendurado na cruz como um representante que foi abandonado por seu Deus.

É certamente bem diferente da interpretação de Moltmann da cruz como um evento dentro do próprio Deus. Na opinião de Ruina , Moltmann aqui vai além da linguagem contida das escrituras, e a teologia resultante da cruz é uma construção especulativa que em pontos cruciais mostra mais afinidade com Hegel do que com o querigma bíblico. Dois, a concentração quase exclusiva de Moltmann na cruz não é às custas da ressurreição.

É verdade que o segundo ponto é a questão de saber se não é o caso de que a concentração de Moltmann na cruz minimiza a ressurreição de Jesus. Ele não nega isso em sua Teologia da Esperança, sua primeira grande obra. Ele enfatizou muito a ressurreição. Mas agora, é exatamente o oposto em seu livro, O Deus Crucificado.

Paulo nunca fala de Deus como aquele que sofreu com Jesus na cruz, mas, repetidamente, ele fala de Deus; Paulo fala de Deus como o Deus que ressuscitou Jesus dos mortos. A ressurreição não é apenas a manifestação do significado oculto da cruz, mas é o próximo estágio na história da salvação. A ênfase de Moltmann no Deus crucificado minimiza um problema real: a ressurreição de Cristo.

Podemos realmente falar da morte em Deus, número três? Em nenhum lugar a Bíblia fala nesses termos. Uma questão semelhante surge quando Moltmann fala da inclusão de todo sofrimento e morte humanos na história de Deus. Essa visão não é hegeliana em vez de escritural?

Cinco, a seguir, a visão de Moltmann , assim como a de Pannenberg , parece levar a uma divinização escatológica e universalista do homem.

“O homem é levado sem limitações e condições para a vida, a morte e a ressurreição de Deus, e na fé participa corporalmente da plenitude de Deus. Não há nada que possa excluí-lo da situação de Deus entre a dor do Pai, o amor do Filho e o impulso

do Espírito. O Deus humano que encontra um homem no Cristo crucificado envolve, portanto, um homem em uma divinização realista.”

Novamente, não se pode deixar de se perguntar se isso não está de acordo com a escatologia hegeliana em vez da bíblica.

Seis, finalmente, há a questão, o que resta de Calcedônia? Esta parece ser uma questão muito difícil de responder. Moltmann concorda com Calcedônia que Jesus é muito Deus e muito homem. Por outro lado, a doutrina das duas naturezas não desempenha realmente um papel em seu livro, *O Deus Crucificado*. A questão que não pode ser evitada aqui é se, na ênfase de Moltmann no Deus crucificado, a humanidade de Jesus ainda é levada a sério.

Então, há muito mais perguntas sobre a teologia de Jürgen Moltmann do que sobre a de Wolfhart Pannenberg . E assim, passamos para a teologia católica. É impressionante que a busca por uma cristologia alternativa esteja acontecendo tanto nos círculos católicos romanos quanto nos protestantes.

Os novos teólogos, como os chamaremos, concordam todos em duas coisas. Primeiro, temos que tomar como ponto de partida o homem Jesus. Isso significa que uma Cristologia de baixo, que temos visto repetidamente, é muito problemática.

Em segundo lugar, especialmente se for uma Cristologia absoluta de baixo, o que é na maioria desses teólogos. Pannenberg é a exceção, não a regra. Em segundo lugar, temos que levar sua verdadeira humanidade absolutamente a sério.

Bem, nós fazemos, mas se começarmos absolutamente de baixo, levamos sua divindade a sério? Ele é Deus? Os problemas potenciais que acabei de sugerir são lamentavelmente verdadeiros para outro famoso teólogo católico romano, Hans Kung, que não é mais um teólogo católico romano oficial. Seus conflitos em Roma resultaram em sua demissão como professor de estudantes católicos romanos na Universidade de Tübingen, e sua influência ainda é considerável, inclusive em círculos protestantes. Primeiro de tudo, ele deseja ser um apologista da fé cristã em um mundo que está envolvido em um crescente processo de secularização.

Devemos abandonar a velha imagem medieval e a imagem do mundo e aceitar a imagem que surgiu da ciência moderna. Kung clama por um novo paradigma. As consequências da doutrina de Cristo ele discutiu longamente em suas duas últimas obras principais sobre ser um cristão e se Deus existe. De ambas as obras, é evidente que ele opta por uma cristologia de baixo, começando com Jesus Cristo como um homem na terra.

Uma Cristologia explícita emerge do discurso, ações e sofrimento implicitamente cristológicos do próprio Jesus. De fato, vemos diversas Cristologias diversas

emergirem no Novo Testamento, de acordo com Kung. Tenho um amigo que fez um PhD em teologia católica de Tübingen.

Em um ponto, ele foi para Tübingen, na Alemanha, e entrevistou teólogos católicos romanos, incluindo Hans Kung e Walter Kasper. Ele voltou muito triste. Ele disse que todas as pessoas que entrevistou, com uma exceção, não eram ortodoxas.

Cada um deles começou absolutamente de baixo, com o homem Jesus, e ao fazer isso, você não pode atingir uma Cristologia Calcedônia ou bíblica com a segunda pessoa da Divindade, Deus Filho, tornando-se um homem em Jesus de Nazaré. A única exceção não foi Hans Kung, mas Walter Kasper, que acreditava na encarnação do Filho de Deus. Meu amigo ficou muito encorajado com isso, mas no geral muito triste com os brilhantes e famosos teólogos alemães escritores que realmente não acreditavam na Cristologia Ortodoxa.

A visão do próprio Kung é a de uma cristologia funcional, distinta de uma essência de cristologia. O relacionamento de Jesus com Deus deve ser expresso em categorias de revelação. Jesus é a palavra e a vontade de Deus em forma humana.

O verdadeiro homem Jesus de Nazaré é, para a fé, a real revelação do único Deus verdadeiro. Estas são citações. Em Jesus, Deus nos mostra quem ele é e nos mostra seu rosto.

No mesmo Jesus, nesse sentido, Jesus é a imagem, a palavra, o Filho de Deus. Dentro desse mesmo contexto, a pré-existência, como atribuída a Cristo, significa que ele sempre esteve no pensamento de Deus. Isso não é pré-existência bíblica.

E o relacionamento entre Deus e Jesus existiu desde o princípio e tem seu fundamento no próprio Deus. A pré-existência bíblica significa que antes de haver um homem, Jesus, havia o eterno Filho de Deus, que sempre existiu no céu com o Pai e o Espírito Santo. E que esse ser divino se tornou um homem, mantendo plenamente sua divindade.

Não pode haver dúvida, escreve Runia, de que esta é de fato uma cristologia funcional. Mas ela concorda com o que a igreja antiga confessou nos concílios de Nicéia, Éfeso e Calcedônia? Kuhn acredita que a resposta é positiva. Com certeza, os concílios se expressaram em termos metafísicos, homoousios, da mesma substância, mas não poderiam fazer de outra forma porque simplesmente não há outro sistema conceitual disponível.

No entanto, o que eles representavam, o verdadeiro Deus e o verdadeiro homem, deveria ser mantido em nossos dias também. “Que Deus e o homem estão verdadeiramente envolvidos na história de Jesus Cristo é algo a ser firmemente sustentado pela fé, mesmo hoje.”

Essa linguagem exige uma encarnação verdadeira? Não. O que a concepção de *Were Deus*, o Deus verdadeiro, significa para Kuhn? O ponto principal do que ele está aqui é uma citação de Kuhn, o ponto principal do que aconteceu em e com Jesus depende do fato de que, para os crentes, o próprio Deus como amigo do homem estava presente, trabalhando, falando, agindo e definitivamente se revelando neste Jesus, que veio entre os homens como advogado, representante e delegado de Deus, e foi confirmado por Deus como o crucificado, ressuscitado. Todas as declarações sobre filiação divina, preexistência, criação, nave meteórica e encarnação, muitas vezes revestidas de formas mitológicas ou semimitológicas da época, têm como objetivo, em última instância, nada mais e nada menos do que substanciar a singularidade, a inigualabilidade, a inigualabilidade, a nova palavra para mim e a insuperabilidade do chamado, oferta e reivindicação tornados conhecidos em e com Jesus, em última análise, não de origem humana, mas divina, portanto, absolutamente confiáveis, exigindo o envolvimento incondicional do homem.

Quanto ao *homo cansado*, a verdadeira humanidade de Cristo, Kuhn diz, Jesus era total e inteiramente homem, um modelo do que é ser humano, representando o padrão máximo da existência humana. Claro que ele representa. Ele acredita que dessa forma, nada é deduzido da verdade ensinada pelos concílios; é apenas transferido para o clima mental do nosso próprio tempo.

Mas, infelizmente, uma avaliação disso mostra o contrário. Esta é claramente uma Cristologia que é absolutamente, não relativamente, mas absolutamente de baixo. Em nenhum estágio a ideia de encarnação é vista como a declaração final de quem Jesus realmente é.

Kuhn não pode ir além de uma declaração funcional. Jesus é uma revelação do poder e da sabedoria de Deus. Talvez se possa dizer que na Cristologia de Kuhn, a linguagem ontológica é funcionalizada.

Em uma longa revisão de *On Being a Christian*, de Kuhn, o evangélico britânico Richard Baucom chamou isso de um tipo de biblicismo ingênuo. Baucom não nega que a linguagem cristológica do Novo Testamento seja primariamente, embora não inteiramente, funcional. E, a propósito, eu concordo com isso.

Mas essa Cristologia funcional requer mais reflexão. E uma vez que perguntas reflexivas são feitas sobre ela, ela parece exigir uma Cristologia essencial para sustentá-la. Concordo de todo coração.

Mas é claro que, nesse estágio, um retorno a uma Cristologia funcional ingênua não é mais possível. Não se pode fingir que essas perguntas nunca foram feitas. Kuhn só pode escapar declarando que os frutos maduros da reflexão cristológica no Novo

Testamento, pré-existência, encarnação, mediação e criação, pertencem a modos mitológicos de pensamento que devem ser descartados.

Mas essa não é uma maneira altamente anticientífica de tratar material que não se encaixa no esquema preconcebido de alguém? Também não é surpreendente ver que Kuhn tem dificuldade em enquadrar sua própria visão com a dos antigos concílios, especialmente com as declarações de Deus verdadeiro e homem verdadeiro de Nicéia. Na verdade, ele parece estar muito irritado com a Conferência Episcopal Alemã que o acusou de negar as declarações cristológicas do Credo Niceno. Bom para eles porque ele o faz.

Oh, minha palavra. Não se pode negar que Kuhn diz algumas coisas grandes e maravilhosas sobre Jesus. Mas também não se pode negar que essas declarações são menores do que o que Nicéia disse.

Nicéia, sem dúvida, também acreditava que Jesus era a revelação de Deus. Mas continuou dizendo que ele é a revelação de Deus porque ele é o Filho de Deus em um sentido ontológico da mesma substância que o Pai. Isso Kuhn se recusa a fazer.

Hans Kuhn faz uma confissão de Jesus como Senhor e Salvador. Isso me causa grandes problemas. Eu respeito totalmente Klaas Runia. Ele diz, eu respeito profundamente essa confissão que vem do coração. Aqui fala um homem de fé genuína em uma linguagem que apela à alma. Portanto, hesita-se em analisá-la e criticá-la.

Mas mesmo uma confissão genuína que vem do coração não está além da análise e da crítica. E temos que dizer, essa confissão não vai além do nível revelacional. Enquanto ela interpreta a verdadeira masculinidade sem nenhuma qualificação como santa e inteiramente homem, a verdadeira divindade não é interpretada da mesma forma não qualificada como santa e inteiramente Deus.

No entanto, essa era a real preocupação de Nicéia. Não é de se admirar que Kuhn também interprete a Trindade funcionalmente, em vez de essencialmente. Na análise final, Kuhn não pode ir além da declaração de que a unidade do Pai, Filho e Espírito deve ser entendida como um evento de revelação e unidade revelacional.

É uma declaração importante, mas também notamos que ela fala de uma unidade econômica em vez de essencial. No geral, a tristeza do meu amigo em entrevistar Kuhn em Tübingen é confirmada. Sua cristologia fica aquém de uma cristologia bíblica e, portanto, calcedônica.

Karl Rayner é uma figura católica romana muito importante. Ele está com Balthasar, Kuhn e Rahner entre os principais e mais influentes teólogos católicos do final do século XX. Eu diria que Karl Rahner é o mais importante.

Ele foi uma influência formadora no Vaticano II, 1962-65. Foi professor em Münster de 1967-71. Sobre a graça divina, ele seguiu Henri de Lubac ao considerar a graça como sobrenatural e parte do ser humano.

Mas a graça também é livre e gratuita. Atos poderosos, sinais e maravilhas foram parte do ministério de Jesus na história. Mas Jesus foi mais.

Ele foi um profeta escatológico com uma missão única. Rayner atacou veementemente o docetismo, a visão de que Jesus não era totalmente humano. Seu principal argumento era manter uma Cristologia calcedônica dentro do quadro da filosofia transcendental.

Em contraste com Bultmann, ele argumentou que o ontológico, isto é, o que Cristo é em si mesmo, o Deus-homem, é o fundamento do existencial, isto é, o que Cristo significa para nós. Rahner escreveu que não encontraremos a proximidade de Deus em nenhum outro lugar, a não ser em Jesus de Nazaré. A expiação, ele argumentou, traz não apenas expiação, mas também o envolvimento de Deus com o mundo.

Eu só quero mencionar duas outras coisas a respeito dele porque ele é famoso por elas. Sua famosa declaração é que a trindade econômica é a trindade iminente, e a trindade iminente é a trindade econômica. Em outras palavras, a trindade, a trindade funcional, a trindade revelada em movimento na Bíblia, é quem a trindade é em sua essência invisível.

A distinção econômica de Jesus Cristo, o Filho, e do Espírito Santo em nossa salvação reflete distinções eternas antecedentes reais. Estou apenas mencionando isso porque é muito importante. Robert Lethem, em sua teologia sistemática, diz que há usos válidos e inválidos do axioma de Rayner.

Positivamente, pode indicar que o próprio Deus se revela na história como ele é em si mesmo na eternidade. Nesse sentido, a trindade econômica não difere nem um pouco da trindade iminente. Há apenas uma trindade.

O Deus trino se revela e, ao fazê-lo, se revela. Ele é fiel. Podemos contar com sua revelação sendo fiel a quem ele é eternamente.

No entanto, o uso mais frequente do axioma, a trindade iminente é a trindade econômica, e a trindade econômica é a trindade iminente, tem sido por trinitários sociais, efetivamente eliminando a trindade iminente por completo. Nessa linha de pensamento, a economia é tudo o que existe, conectado com o panteísmo da teologia do processo. O panteísmo diz que Deus é tudo e tudo é Deus.

Panenteísmo, com a palavra grega en , que significa em, preso no meio ali, significa que Deus não é tudo, mas ele está em tudo. Para tal pensamento, a trindade econômica é a trindade iminente, já que não há nada mais. Pois tudo é governado pela história.

Deixe-os argumentar, Moltmann , Pannenberg , Catherine, Lacuna e Robert Jensen entram nessa categoria. Quando alguém descreve a trindade como uma comunidade semelhante a uma família humana, como o Trinitarismo social faz, a invisibilidade, a indivisibilidade da trindade é, na melhor das hipóteses, ameaçada, e a porta aberta para o triteísmo. Só quero mencionar isso, talvez para estimular os espectadores a fazerem mais estudos por conta própria.

A outra coisa é que, desde meados do século passado, Roma mudou para uma posição explicitamente inclusivista. A morte e ressurreição de Jesus são o único caminho para a salvação, mas alguém pode ser salvo por Jesus e sua morte e ressurreição sem ouvir seu nome ou crer no evangelho nesta vida. Karl Rayner, em uma palestra em 1961, introduziu a frase, cristãos anônimos.

Ele escreveu que os outros que se opõem à igreja são meramente aqueles que ainda não reconheceram que eles, no entanto, realmente já são ou podem ser, mesmo quando na superfície da existência eles estão em oposição, eles já são cristãos anônimos. De fato, o cristão não pode, citando novamente, citando Rahner, não pode renunciar a essa presunção de cristianismo anônimo. Isso deve gerar tolerância a todas as religiões, e não é surpresa, por causa de sua poderosa influência no Vaticano II, que eles também afirmaram algo muito parecido com isso, e agora Roma mantém uma abertura, não apenas aceitando protestantes como irmãos e irmãs separados em Cristo, mas agora aceitando adeptos das religiões do mundo como cristãos anônimos, e esperando pela salvação de todos eles.

Mencionei JAT Robinson anteriormente. Ele, como Moltmann , opta por uma abordagem funcional. Ele não tem lugar para uma doutrina de duas naturezas unificadas em uma pessoa.

Ele só diz que temos que usar dois conjuntos de linguagem sobre o único homem Jesus. Ele definitivamente não quer ir além de uma cristologia funcional em seu livro, seu livro importante. Me ajude, qual é o nome do livro? Juro por Deus.

Sim, em seu importante livro, *Honest to God*. Desculpe. No final das contas, embora ele fosse um bispo na igreja anglicana, no final das contas, Jesus difere de nós apenas em grau, não em essência.

Mais uma vez, mais uma vez, uma Cristologia absoluta e consistente vinda de baixo. A Cristologia da Teologia do Processo. A Teologia do Processo, tomando como

exemplo as filosofias de Albert North Whitehead e Charles Hartshorne, procede na suposição da concepção pan-enteísta de Deus.

Citação, Deus é operante em toda a criação, em todos os níveis da existência. Ele se move através dela, trabalha nela, realiza sua boa vontade nela. No entanto, Deus não é idêntico à criação.

Ele também o transcende. Ele está, sem dúvida, no mundo, mas é igualmente, é verdade dizer, o mundo está nele. O mundo está em Deus.

Ele é a realidade inesgotável e inesgotável que trabalha através de todas as coisas, mas sempre permanece ele mesmo. Enquanto a ortodoxia cristã tradicional dizia que havia Deus, que então criou o mundo do nada, o mundo não existia anteriormente, a Teologia do Processo diz que Deus e o mundo existem mutuamente, e Deus precisa do mundo, assim como o mundo precisa de Deus. Houve poucas Cristologias do Processo, mas Norman Pittenger é alguém que nos deu exatamente isso.

Jesus Cristo, ele diz, é o foco da atividade penetrante e universal de Deus. Ele é a manifestação focal do homem de Deus em ação. Rejeitando a ideia de uma encarnação literal como incrível e impossível, ele opta pela ideia de que em Jesus, a energização e habitação de Deus pela interpenetração mútua do divino e do humano atinge um estágio climático.

Um livro maduro de Pittenger é *Christology Reconsidered* 1970. Ele dá três pontos logo no primeiro capítulo. De alguma forma, encontramos Deus no evento de Jesus Cristo.

Dois, Deus é assim encontrado em um ser genuíno, historicamente condicionado e inteiramente humano.

Três, Deus e este homem estão em relação um com o outro no modo da mais completa interpenetração. Para Pittenger, a diferença entre a atividade de Deus em Jesus e aquela nos assuntos de outras pessoas é uma diferença em grau, e não em espécie.

Certamente, esta é uma Cristologia absolutamente de baixo que nega a encarnação, a divindade de Cristo e, portanto, uma expiação cristã e assim por diante. Gostaria de encerrar nossa pesquisa sobre a Cristologia moderna com um debate sobre o mito de Deus encarnado. No final dos anos 1970, um debate sobre a encarnação ocorreu no Reino Unido.

Tudo começou com a publicação do volume *The Myth of God Incarnate* em 1977 por sete teólogos britânicos. O livro criou um rebuliço por causa de seu título provocativo, e ainda assim não trouxe muita coisa nova, mas popularizou. No mesmo

ano, uma resposta foi dada por vários teólogos evangélicos no pequeno volume *The Truth of God Incarnate*, editado por Michael Green.

Por que sete respeitados professores britânicos de teologia e Novo Testamento e assim por diante escreveram um livro chamado *The Myth of God Incarnate*? Todos eles são da opinião de que a doutrina da encarnação, quando tomada como uma descrição da verdade factual, não é mais inteligível. Jesus foi, eles argumentam, como é apresentado em Atos 2:21, um homem designado por Deus para um papel especial dentro do propósito divino, e que a última concepção dele como Deus encarnado, segunda pessoa da Santíssima Trindade, vivendo uma vida humana, é mitológica ou poética, e uma maneira de expressar seu significado para nós. Francis Young argumenta que os títulos cristológicos derivaram do contexto cultural circundante e foram usados pelos primeiros cristãos para expressar sua resposta de fé a Jesus.

Outro colaborador é Michael Goulder. Esses são respeitados estudiosos britânicos. Na segunda parte do volume, Leslie Holden e Don Cupid discutem o desenvolvimento doutrinário que levou a Nicéia e Calcedônia.

Klaae Runia avalia para nós. Bem, eu deveria resumir mais desse negócio de Nicéia e Calcedônia primeiro porque gastamos muito tempo nisso. Tanto Holden quanto Cupido, como contribuidores do mito de Deus encarnado, rejeitam esse desenvolvimento de Nicéia para Calcedônia como um desvio do que o Novo Testamento nos diz sobre o Jesus histórico.

Holden distingue entre linguagem experiencial, que tenta descrever a fonte crescente de inspiração, e linguagem credal, que transforma essa fonte em um fluxo controlado de pensamento. Maurice Wiles escreve mito em teologia, e John Hick, um dos editores, argumenta que a doutrina da encarnação, quando tomada literalmente, é perniciosa porque implica que Deus só pode ser adequadamente conhecido e respondido somente por meio de Jesus. E toda a religião da humanidade, além do fluxo da fé judaico-cristã, é, portanto, por implicação, excluída como estando fora da esfera da salvação.

A avaliação de Runia, número um, a doutrina da encarnação, de acordo com esses escritores, simplesmente teve que ser repudiada. Número dois, embora o termo mito seja usado no título do livro, não há unanimidade entre os autores quanto ao seu significado exato.

Três, os autores geralmente mostram um ceticismo profundo e injustificado quanto à confiabilidade histórica dos escritos do Novo Testamento.

Bem, isso faz sentido porque o Novo Testamento ensina a verdade do Deus encarnado, como o livro de resposta disse. É ainda mais impressionante que a

ressurreição de Jesus, que desempenha um papel enorme no Novo Testamento, dificilmente desempenha qualquer papel no mito do Deus encarnado. O volume também é totalmente silencioso sobre o significado soteriológico de Jesus.

Isso não é uma surpresa. Se a encarnação é um mito, Jesus não pode nos salvar. Um mero homem, não importa quão grande ou maravilhoso ou poderoso ou habitado por Deus ou fortalecido por Deus, não pode nos salvar.

Só Deus pode nos salvar. Pecado e culpa são raramente mencionados no livro. Novamente, não estou surpreso.

Alguns dos escritores até mencionaram que o Novo Testamento ensina a encarnação, mas os autores ainda não conseguem aceitá-la em bases filosóficas. Todos os autores admitem que Jesus é alguém muito especial e que ele é indispensável para eles. Às vezes, eles falam dele em termos brilhantes, e ainda assim rejeitam a verdade do Deus encarnado, como o volume de resposta afirma pelos escritores evangélicos, que estavam francamente incomodados com a popularização de ideias liberais e críticas para o público britânico de uma forma que perturbou a fé de muitos.

Essas coisas foram compartilhadas de uma forma que, se você for uma pessoa pensante, certamente rejeitará aqueles velhos mitos sobre Jesus, esse tipo de coisa. À medida que nossa pesquisa sobre cristologias patrísticas e modernas, teologias históricas de Cristo e cristologias patrísticas e modernas chega ao fim, eu só quero apresentar para onde iremos em futuras palestras. Combinaremos teologia sistemática com o texto bíblico, extraíndo-a do texto bíblico.

E assim, para a divindade de Cristo, trabalharemos extensivamente com João 1:1 a 18. Para a humanidade de Cristo, trabalharemos com Colossenses 1:15 a 20, que também é um bom lugar para mostrar a divindade de Cristo. Trabalharemos com os dois estados de Cristo, de Filipenses 2:5 a 11, e mais.

Discutiremos a pré-existência também, a unidade de sua pessoa e a comunicação de atributos, e estou ansioso para compartilhar essas coisas juntos, começando com nossa próxima palestra. Obrigado novamente por seu interesse nesses assuntos.

Este é o Dr. Robert Peterson e seu ensinamento sobre Cristologia. Esta é a sessão 8, Cristologia Moderna, Parte 3, Jürgen Moltmann, Catholic and ProcessTheology.